

para quem gosta de arquitectura e design

# traço



SEGMENTO URBANO:  
UM OLHAR PARA  
A ARQUITECTURA  
HUMANISTA

Trienal: Coligação de práticas  
para “pensar” a humanidade  
como uma biosfera próspera

Openbook: Nova sede reflecte a  
essência da Corticeira Amorim



## UM OLHAR PARA A ARQUITECTURA HUMANISTA

Manuela Sousa Guerreiro | Frame it e D.R

**PERCURSO | Do primeiro loteamento em 2006 ao prémio WAFX 2025 atribuído recentemente ao projecto “Echoes of the Void”, o atelier Segmento Urbano, fundado pela arquitecta Maria João Correia, percorreu um caminho marcado por inovação e humanismo. “Echoes of the Void”, é mais do que um exercício de arquitectura, é uma reflexão sobre a vida e o que nos torna humanos, onde a arquitectura surge como refúgio e cura. Para a TRAÇO foi pretexto de encontro, para conhecer um pouco mais sobre o trabalho deste atelier português**

Torreira é um segredo bem guardado que a zona costeira junto a Aveiro esconde. A vila, que não faz parte dos principais destinos de férias, está localizada num braço de terra entre a ria e o mar. “As premissas eram claras. O cliente queria usufruir das vistas que o terreno oferecia (ria e floresta) e pretendia concentrar um conjunto de equipamentos náuticos num único espaço. Com base nestes princípios, partiu-se para o projecto com O atelier Segmento Urbano nasceu quase por um acaso, em 2006. Maria João Correia recorda o momento com humor: “um promotor desafiou-me a encaixar mais moradias num loteamento e conseguimos passar de 28 para 32”. Esse exercício aparentemente banal deu origem ao primeiro projecto do gabinete e inaugurou um percurso que, quase duas décadas depois, levaria a arquitecta e a sua equipa a conquistar um dos mais prestigiados prémios internacionais de arquitectura.

ENTRE ESSE PRIMEIRO LOTEAMENTO E O RECONHECIMENTO NO WORLD ARCHITECTURE FESTIVAL (WAF), EM MIAMI, MUITAS HISTÓRIAS SE ENTRELAÇAM. FORMADA EM LONDRES, MARIA JOÃO TROUXE DE INGLATERRA UMA PEDAGOGIA QUE PRIVILEGIA A EXPERIMENTAÇÃO E A QUEBRA DE PRECONCEITOS, EM CONTRASTE COM A TRADIÇÃO MAIS NORMATIVA DA ESCOLA PORTUGUESA. ESSA DUPLA EXPERIÊNCIA MOLDOU UMA PRÁTICA QUE NUNCA SE FIXOU NUM “ESTILO”, MAS QUE SE DEFINE POR UMA ABORDAGEM: CADA PROJECTO É UMA RESPOSTA AO TERRITÓRIO, À FUNÇÃO E, SOBRETUDO, ÀS PESSOAS

Entre esse primeiro loteamento e o reconhecimento no World Architecture Festival (WAF), em Miami, muitas histórias se entrelaçam. Formada em Londres, Maria João trouxe de Inglaterra uma pedagogia que privilegia a experimentação e a quebra de preconceitos, em contraste com a tradição mais normativa da escola portuguesa. Essa dupla experiência moldou uma prática que nunca se fixou num “estilo”, mas que se define por uma abordagem: cada projecto é uma resposta ao território, à função e, sobretudo, às pessoas. “A arquitectura para mim é uma profissão humanista, no sentido em que é suposto ela resolver os problemas das pessoas”, considera Maria João Correia. O Echoes of the Void, distinguido com o prémio “WAFX 2025” na categoria Ageing and Health, é a expressão mais intensa dessa filosofia. Implantado na paisagem imaterial das Furnas, nos Açores, o projecto propõe um espaço de acolhimento e contemplação destinado a pessoas em fim de vida. Um refúgio. Um lugar de silêncio e luz, desenhado para guiar o visitante pelas

cinco fases do luto – negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

“O edifício desenhado, “Echoes of the Void” quer dizer precisamente isso: O que ouvimos quando não há nada para ouvir. O edifício foi desenhado quase numa sequência nas cinco fases do luto que a arquitectura enfatiza, seja pelo toque, luz ou cheiro”.

A ideia nasceu de uma dor partilhada. “Vários elementos da equipa tinham vivido de perto a experiência da morte, como cuidadores ou familiares. Sentimos necessidade de pensar o que a arquitectura poderia oferecer nesse momento em que tudo parece desabar.” O resultado é um edifício que não esconde a finitude, mas que a envolve numa atmosfera de serenidade. A luz natural, as sombras, os vazios e os materiais tornam-se

## “Echoes of the Void”

Vencedor da edição de 2025 do World Architecture Festival (WAF) com o prémio WAFX 2025, na categoria “Ageing and Health, “Echoes of the Void” é um projecto concebido para o contexto singular das Furnas, na ilha de São Miguel, nos Açores. Integrado entre a floresta densa e a paisagem lacustre, o edifício propõe um espaço de acolhimento e contemplação destinado a pessoas em fim de vida. Não se trata de um centro clínico convencional, mas de um lugar que permite o silêncio, a pausa e a intimidade com o tempo e com a paisagem. A arquitectura do espaço inspira-se nas cinco fases do luto — negação, raiva, negociação, depressão e aceitação — desenhando um percurso onde a luz natural, as sombras, os planos verticais e os intervalos de vazio conduzem a experiência espacial e emocional. O projecto explora a delicadeza do interstício como espaço de presença e escuta, onde o que não é dito ganha forma através da matéria e da ausência dela.



A LUZ NATURAL, AS SOMBRAS, OS VAZIOS E OS MATERIAIS TORNAM-SE MEDIADORES DE EMOÇÕES.

“A ARQUITECTURA PODE CURAR”, AFIRMA MARIA JOÃO, SEM HESITAR. NO PROCESSO CRIOU-SE QUASE UM ‘MANUAL DE INSTRUÇÕES’ PARA QUE QUEM O HABITA POSSA DELE TIRAR O MÁXIMO PARTIDO. SÃO ESTRATÉGIAS ARQUITECTÓNICAS SIMPLES QUE PODEM SER REPLICADAS EM HOSPITAIS, CENTROS DE CUIDADOS PALIATIVOS OU OUTROS CONTEXTOS SEMELHANTES

mediadores de emoções. “A arquitectura pode curar”, afirma Maria João, sem hesitar.

No processo criou-se quase um ‘manual de instruções’ para que quem o habita possa dele tirar o máximo partido. São estratégias arquitectónicas simples que podem ser replicadas em hospitais, centros de cuidados paliativos ou outros contextos semelhantes.

Mais do que um exercício teórico, o projecto foi também uma experiência pessoal de transformação. “Foi uma provocação, mas também uma cura. Ao lidar com a morte através da arquitectura, aprendemos a valorizar ainda mais a vida”, reflecte Maria João Correia.

Talvez por isso ninguém fique indiferente ao Echoes of the Void – nem o júri do WAF, que destacou a visão disruptiva de uma equipa pequena, longe dos grandes nomes consagrados, mas capaz de pensar à frente do seu tempo.

### UMA ARQUITECTURA HUMANISTA

É a persecução de desafios, ou talvez a procura por novas provocações, que levam o gabinete a participar, de forma regular, em concursos de ideias. “É uma forma de nos forçarmos a pensar, de ultrapassarmos os limites, de pensar à frente”, justifica Maria João.

A “surpresa”, veio no reconhecimento internacional que o “WAFX 2025” acarreta, dos comentários que o projecto tem suscitado fora de fronteiras e na procura de colaborações por arquitectos de outros países. “Abre-nos a porta para uma arquitectura que nos interessa: a que procura responder com verdade, um resolvidor de problemas ou um potenciador de desafios, que é o que nós fazemos”.

O projecto “Porta do Vale”, actualmente em curso, é a materialização dessa filosofia. A mesma atenção ao detalhe e ao bem-estar guia empreendimentos como este que está a nascer em Paços de Ferreira, onde 27 moradias estão a ser desenvolvidas à medida de cada família, num terreno outrora vazio e que gera 9 milhões de euros de obra.

27 moradias, 27 clientes e 27 necessidades diferentes. A volu-



ENTRE A PROVOCAÇÃO DO “ECHOES OF THE VOID” E O QUOTIDIANO PRÁTICO, O SEGMENTO URBANO AFIRMA-SE COMO UM ATELIER QUE RECUSA RÓTULOS E ESTILOS FIXOS. O QUE UNE TODOS OS PROJECTOS É A CONVICÇÃO DE QUE A ARQUITECTURA DEVE SER MAIS DO QUE FORMA: DEVE SER CUIDADO, RESPOSTA E IMPACTO

metria e os acabamentos exteriores estão pré-definidos, tudo o resto é definido para responder às necessidades de quem irá ali habitar.

“Não acreditamos em soluções padronizadas. Uma casa deve crescer com quem a habita, adaptando-se às suas necessidades ao longo da vida”, sublinha a arquitecta.

## “Porta do Vale”

O “Porta do Vale, projecto que recebeu em 2022 uma Menção Honrosa pelo Masterprize Awards, na categoria Residential landscape, nasceu do desafio, lançado pela Valenegócios, de viabilizar uma urbanização residencial. O projecto localiza-se em Paços de Ferreira, numa área de 5 hectares junto ao rio Ferreira, com 3 hectares dedicados a espaços verdes e de lazer. O plano residencial contempla actualmente 27 moradias, distribuídas por mais de 20.000 m<sup>2</sup> de área de terreno, situadas à entrada desta pequena cidade do Norte de Portugal. A sua origem responde à crescente procura por habitações com espaço exterior e contacto profundo com a natureza.

O Segmento Urbano desenvolveu o masterplan adaptado às condições topográficas do terreno, assegurando a inserção harmoniosa da volumetria tipo na paisagem e desenhando os lotes para maximizar vistas, exposição solar e integração natural. Criou-se, assim, um modelo urbanístico que garante a cada lote/proprietário a possibilidade de ter uma casa à sua medida, preservando a coerência global e a qualidade arquitectónica do conjunto.





## Metamorphosis

Metamorphosis, sede da Conduril Engenharia em África, foi finalista World Architecture Festival 2018, Completed Buildings, Mixed Use. Destinado a acolher a sede da empresa em África está localizado no centro de Luanda, onde ocupa um terreno de 6.000 m<sup>2</sup>.

O conceito estabelece uma ponte entre passado e futuro. O embasamento em betão — sólido, robusto e firmemente ancorado ao solo — representa a história e a solidez da empresa, funcionando como as raízes de uma árvore que sustentam tudo o que cresce acima. Este volume inferior alberga estacionamentos, serviços e auditório, e eleva a cota de acesso ao edifício para criar um parque urbano protegido, acima do nível da rua. Sobre esta base erguem-se, “presos ao tronco”, volumes suspensos, leves e sombreados, orientados para a Baía e o mar, revestidos com vegetação.

A estratégia espacial assenta no conceito work, live and play – viver, trabalhar e usufruir de lazer num mesmo conjunto. Os pisos são concebidos com planta livre, possibilitada por uma estrutura metálica avançada suportada por um núcleo central em betão. Esta solução confere elevada flexibilidade de uso, permitindo adaptar os espaços a diferentes funções ao longo do tempo, em resposta às necessidades da empresa e do contexto urbano.

A fachada combina paredes imateriais de vidro e malha metálica perfurada com lâminas metálicas sombreadoras, criando um filtro visual e térmico e permitindo a integração de vegetação em todos os níveis. O edifício dispensa paredes exteriores convencionais, privilegiando a transparência, a ventilação e a ligação constante com o verde, que cresce desde o parque elevado até aos últimos pisos.

### A MULTIDISCIPLINARIDADE DO GABINETE

Essa visão humanista da arquitectura é acompanhada por uma preocupação pragmática: a da construção. O atelier mantém uma equipa multidisciplinar – arquitectos, engenheiros, técnicos e operários – e criou o “Build Lab”, uma escola interna para formar novos profissionais de construção civil. Afinal, podemos imprimir paredes, mas não pessoas. Já na segunda edição, a Build Lab - Escola de Formação em Construção Civil, visa colmatar uma lacuna estrutural no sector: a ausência de formação técnica básica acessível e prática para novos profissionais da construção civil.

“Sem pessoas qualificadas, não há arquitectura que se construa. Somos 32, mas se fossemos 120 teríamos trabalho para todos. O futuro passa por dignificar o sector, investir em inovação e formar quem vai erguer as cidades de amanhã”, considera Maria João Correia.

Tão importante como projectar, a materialização dos projectos é algo que este Gabinete prefere não abdicar o que leva a optar por projectos de concepção – construção, sempre que possível. Ainda que por vezes os projectos nasçam a mais de sete mil quilómetros de distância, com a Angola a afirmar-se como mercado para o Atelier.

Entre a provocação do “Echoes of the Void” e o quotidiano prático, o Segmento Urbano afirma-se como um atelier que recusa rótulos e estilos fixos. O que une todos os projectos é a convicção de que a arquitectura deve ser mais do que forma: deve ser cuidado, resposta e impacto. Como resume Maria João Correia, “o espaço onde vivemos é suposto fazer-nos sentir bem. É isso que a arquitectura faz. E é por isso que continuamos a acreditar nela como uma disciplina essencial à vida”. **T**

